

**COLEÇÃO VICENTE DI GRADO**  
**Muba – Museu Belas Artes de São Paulo**  
**Prof. Ma. Débora Gigli Buonano**

**RESUMO**

O objetivo desta pesquisa é de catalogar, registrar e analisar toda a produção gráfica do artista professor Vicente Di Grado, que durante o período de 1950 a 1970 do século XX, ilustrou as capas de Livros da Editora Clube do Livro. Hoje o muBA, Museu Belas Artes, mantido pela FEBASP, possui em seu acervo 300 livros cujas ilustrações foram feitas por Di Grado, formando-se assim a Coleção Vicente Di Grado.

Palavras chave: Ilustração. Coleção. Arte Moderna.

**ABSTRACT**

The goal of this research is to identify, register and analyse the whole graphic production artist professor Vincent Di Grado, which during the period from 1950 to 1970, he illustrated the book covers the Publisher Book Club. Today the muBA, Fine Arts Museum, maintained by FEBASP, has in its collection 300 books whose illustrations were made by Di Grado, forming the Collection Vincent Di Grado.

**Keywords:** Illustration. Collection and Modern Art.

**Introdução**

A proposta deste artigo é tornar pública a produção Gráfica do Prof. Vicente Di Grado para as edições populares do Clube do Livro. Foram centenas de volumes produzidos com uma linguagem gráfica bem estruturada. A intenção é refletir acerca da visualidade produzida nestas capas, observar e analisar as composições, ilustrações e a poética tipográfica de cada título.

Levamos em conta que no período de 1950 a 1970 havia edições muito similares produzidas por outras editoras, mas de acordo com a pesquisa realizada até o momento, não apresentavam qualidade plástica e nem ao menos eram inovadoras em seus discursos visuais.

**O Clube do Livro**

A proposta dos Clubes de Livros existentes no Brasil, era popularizar a leitura em todo o país, publicando obras clássicas, estrangeiras e brasileiras. Estas edições populares foram produzidas entre as décadas de 40 e 70 do século passado e as editoras que cumpriram este importante papel editorial no Brasil foram entre outras a Editora Saraiva, a Melhoramentos, a José Olympio, a Editora Globo e o Clube do Livro. A produção e o comércio popular destas coleções levaram e ofereciam vantagens ao público leitor, pois tinham baixo custo à sociedade menos favorecida, o hábito da leitura, pois este grupo não tinha acesso à produção livreira. Assim estes livros eram, então, vendidos em lojas, bancas de jornal e até mesmo em estações rodoviárias.

O Clube do Livro começou a funcionar no Brasil em 1943, presidido por Mário Graciotti<sup>1</sup> Eram publicações mensais com baixo valor de custo e os livros eram enviados pelo correio ou entregues por entregadores; algumas edições chegavam a alcançar cinquenta mil exemplares. Segundo Milton (2002:28), estes livros podiam ser encontrados nos lares, nas escolas, nas bibliotecas, nas usinas, nas fábricas e nos quartéis do Brasil.

No regime do então presidente Getúlio Vargas o Clube do Livro também sofreu com o rigoroso controle de produção cultural. A concorrência era grande entre a editora Saraiva e Ática, na metade dos anos 60 e 70.

Então, no ano de 1973, o Clube do Livro foi adquirido pela Revista dos Tribunais e posteriormente pela Editora Ática. A partir de 1981, Mario Graciotti deixou de ser o editor-geral e a Ática assumiu e modernizou a coleção.

De acordo com Milton (2002 : 31),

“O Clube do Livro acabou por ser incorporado à Estação Liberdade, um ramo da Editora Ática, em 1989. A marca Estação Liberdade passou a aparecer nas capas dos livros com a informação “Editora Clube do Livro Ltda, Estação Liberdade”, no mesmo ano a publicação foi interrompida”.

## O Ilustrador Vicente Di Grado

Di Grado nasceu e cresceu em uma família de arquitetos e durante sua vida o contato com livros de arte foi constante, pois sua família costumava discutir, dialogar sobre os

---

<sup>1</sup> Mário Graciotti médico, escritor e jornalista brasileiro um dos intelectuais mais conceituados da época, recebeu distinções da Academia Brasileira de Letras pelos livros de sua autoria “Europa Tranquila” e “Universo Finito.”

assuntos pertinentes à arte. Com quatorze anos Di Grado já fazia ilustração para uma revista chamada “Ilustração”.

Ainda jovem, inscreveu-se no curso noturno da Escola profissional do Brás, o que foi uma grande decepção para ele, pois tinha que moldar o barro sem nenhuma ação criadora. Neste período cursava o ginásio pela manhã, e ao mesmo tempo à noite freqüentava um curso na escola de Belas Artes. No ano de 1945, ingressou no curso oficial da Escola de Belas Artes e foi orientado pelo professor de escultura Nicola Rollo, que era esclarecido e dava aos alunos maior abertura pois não seguia estritamente o programa oficial. Ainda estudante, Di Grado fundou o Salão Acadêmico de Belas Artes.

Ele permaneceu na escola de Belas Artes no período de 1941 a 1947, anos do curso básico de escultura, que para ele apresentava sua visão plástica diferenciada, pois as outras disciplinas possuíam apenas uma representação, uma idéia literária da pintura descritiva e formal. Neste momento existia uma discussão dentro da escola entre o que era o acadêmico e o que era moderno, contudo, nem mesmo os professores sabiam bem qual era a diferença. Era freqüente entre os alunos visitar exposições de arte e a biblioteca de arte de Sergio Milliet.

O artista e professor, Di Grado participou de diversos salões de Belas Artes de São Paulo e como escultor foi vencedor do prêmio “Viagem ao País” do II Salão Paulista de Arte Moderna. Participou da 1ª. Bienal de São Paulo com uma escultura, pois esta era uma atração importante que propunha o novo nas artes visuais. Entretanto, a Bienal desviou a arte brasileira de sua proposta. Pois de certa maneira ela quebraria o ritmo no qual a arte brasileira estava se desenvolvendo, como o próprio Grupo Santa Helena.

Em 1947, Di Grado terminou a Escola de Belas Artes e foi trabalhar para uma agência de Maci-Propaganda<sup>2</sup> como Diretor de Arte, e assumiu então, a função de artista gráfico. Nesta época não havia a formação publicitária; os artistas gráficos e ilustradores eram advindos das belas artes e alguns profissionais eram alemães fugindo da guerra e que orientavam os profissionais das áreas gráfica, tipográfica e de impressões. A diagramação ficava dentro dos conceitos da Bauhaus e da Nova Tipografia Suíça.

Dentro da escola Bauhaus adotou-se o racionalismo, segundo Kopp (2002 : 59)

---

<sup>2</sup> Maci Propaganda, que foi a agência de propaganda criada por Waldemar Ciglioni (1918-2008) que foi um futebolista, jornalista e ator de radionovelas brasileiras. A agência foi criada para atender aos clientes de Ciglioni na Rádio São Paulo e que acabou sendo uma das grandes agências de propaganda dos anos cinquenta e sessenta em São Paulo. Maci era a abreviatura dos nomes Waldemar Ciglioni e sócio Rodolfo Maués. Entre seus grandes clientes encontravam-se a Cinzano, indústria de bebidas e as Lojas Zogbi entre outras.

A partir de 1923, a influência do racionalismo, do cientificismo e do industrialismo começam a se destacar dentro da escola. A idéia de superação do passado ocupa cada vez mais espaço e os traços de expressão individual e subjetiva deixam de ser recebidos.

É certo que Di Grado, como bom leitor, e grande pesquisador, atualizava-se sempre. Estava a par das mudanças e sabia muito bem quais eram as novas linguagens plásticas para a propaganda, bem como para a diagramação e para a composição tipográfica. Ele utilizava estas novas propostas, não só na agência de propaganda mas principalmente nas capas de livros para o Clube do Livro, nosso objeto desta pesquisa.

Por conseguinte, o artista gráfico Di Grado nas suas mais de trezentas composições para as capas dos livros, buscou e apresentou inovações nas ilustrações, nas composições e em toda sua poética tipográfica; em cada capa sustentou um diálogo com o conteúdo do livro e sua linguagem plástica contribuiu visualmente com o público leitor consumidores dos livros do Clube do Livro.

A produção gráfica que abrangeu o período de 1950 a 1976 nos volumes apresentados pelos clubes dos livros das editoras concorrentes, eram influenciados pelos padrões da ilustração americana; entretanto, as capas ilustradas para a Editora Clube do Livro pelo Prof. Vicente Di Grado eram de linguagem atualizada, e criação atrás de criação, nada era igual, nada era cópia. Di Grado conhecia muito bem as bases das composições, ele adotava em suas ilustrações, composições e criações tipográficas sempre uma nova proposta, equilibrada, utilizando técnicas como guache, nanquim e colagens entre outras. Demasiado conhecedor da História da Arte, nas ilustrações que criou ostentou verdadeiros diálogos com os movimentos artísticos, apresentando, assim, uma linguagem moderna em cada capa. A arte, de certa maneira, saiu das paredes dos museus, consagradas pelo espaço branco e inacessível, para as classes menos favorecidas, apresentadas pelas criações do Prof. Di Grado nas capas de livros.

Conforme Gruszynski, (2000 :59)

Sobretudo após a Segunda Guerra Mundial, vários escritos foram reunidos, organizados, e elementos da prática profissional foram codificados nas escolas de arte. As publicações voltadas para a formação dos profissionais, na sua maioria, foram escritas com base na pintura abstrata e na psicologia da *Gestalt*. Dentre as obras mais tradicionais traduzidas para o português temos *Arte e Percepção Visual* de Rudolf Arnheim e *Sintaxe da Linguagem Visual* de Donis A. Dondis, que são utilizadas até hoje como bibliografia de referência para o estudo do design e da comunicação visual.

Vicente Di Grado foi o supervisor editorial da obra Arte e Percepção Visual de Rudolf Arnheim edição brasileira de 1988. Evidentemente o professor conhecia a obra de Arnheim cuja 1ª. Edição foi escrita em Inglês em 1954. A organização gráfica das capas dos livros é fruto do conhecimento adquirido pelo artista gráfico que conviveu e discerniu muito os conceitos plásticos que eram desenvolvidos e aplicados no mundo das Artes tanto na Europa como nos Estados Unidos da América.

Como artista e estudioso da arte que era, Di Grado captou as qualidades visuais sistematizadas por Rudolf Arheim, A. Dondis e muitos outros que permaneciam nas estantes da sua biblioteca do Prof. Di Grado, bem como, nas estantes da Escola de Belas Artes de São Paulo. Ele aplicou os conceitos da Gestalt nas capas de livros das edições populares, nas quais vários aspectos foram trabalhados, como cor, espaço e movimento.

Este artigo propõe uma breve análise de algumas capas, que fazem parte da “Coleção DI GRADO do muBA – Museu Belas Artes de São Paulo”. Constam da coleção aproximadamente 200 capas que estão ainda em fase de catalogação, registro, e passam também por um processos de conservação preventiva, pois muitas capas foram danificadas pelo tempo, pelo manuseio indevido e pela má qualidade do suporte em que foram impressas. Esta coleção não está ainda completa, o muBA encontra-se ainda está buscando no mercado livreiro, principalmente em sebos, algumas edições, no entanto, é certo que cerca de trezentas capas foram ilustradas pelo Professor.

Certamente este é o primeiro passo para uma futura pesquisa mais densa e necessária para entendermos de que maneira houve por parte de Di Grado uma preocupação em levar aos leitores no período de 1950 a 1976 , novas propostas plásticas, lembrando que enquanto os artistas e os críticos discutiam o que era moderno ou mesmo propunham as rupturas, Di Grado silenciosamente executava e construía uma linguagem de rupturas, que estava ao alcance às das massas menos favorecidas, se diferenciando-se muito das editoras concorrentes.

De acordo com Arnheim, ( 1988, pg. XIII)

O mero contato com as obras-primas não é suficiente. Pessoas em demasia visitam museus e colecionam livros de arte sem conseguir acesso à mesma. A capacidade inata para entender através dos olhos está adormecida e deve ser despertada. E a melhor maneira é manusear lápis, pincéis, escalpelos e talvez câmeras. Mas também nesse âmbito, maus hábitos e conceitos errôneos costumam bloquear o caminho daquele que trabalha sem orientação. Na maioria das vezes a evidência visual ajuda-o com mais eficácia apontando seus pontos fracos ou apresentando-lhes bons exemplos. Mas tal orientação raramente toma a forma de uma pantomima silenciosa. Os seres humanos

têm excelentes razões para se comunicarem através das palavras. Acredito que isto seja verdade também no campo das artes.

## As Capas de Livros Ilustradas por Di Grado

A capa de um livro é a mais importante peça dos elementos não textuais, é o que provoca grande impacto visual, iniciando assim o primeiro contato com o leitor. A capa do livro tem a representação gráfica do conteúdo da obra, o ilustrador deverá adequar a capa da obra ao seu público alvo e as imagens ilustrativas são usadas de maneira a despertar no leitor interesse e curiosidade.

A contribuição das ilustrações das capas de livro elaboradas por Di Grado para o grande público foi de um cunho social muito grande, pois sua linguagem expressiva própria foi marcante. Observando as ilustrações (fig.1), verificamos entre as editoras concorrentes e as capas do Clube do Livro não havia uma preocupação em criar uma linguagem própria para cultura brasileira, as imagens eram referenciadas com toda a publicação americana. Di Grado no entanto, colocava em prática seu aprendizado de Escola de Belas Artes. As capas aqui escolhidas “Talvez, o Amor” de 1959, “Pan” de 1958, “Cinzas da Esperança” de 1960”, apresentavam um desenho com traços firmes, um registro da forma, um registro do pensar do artista produzindo uma linguagem ainda acadêmica para os anos 50, porém, podemos perceber que a composição busca fugir dos padrões das ilustrações das editoras concorrentes conforme fig. 2.

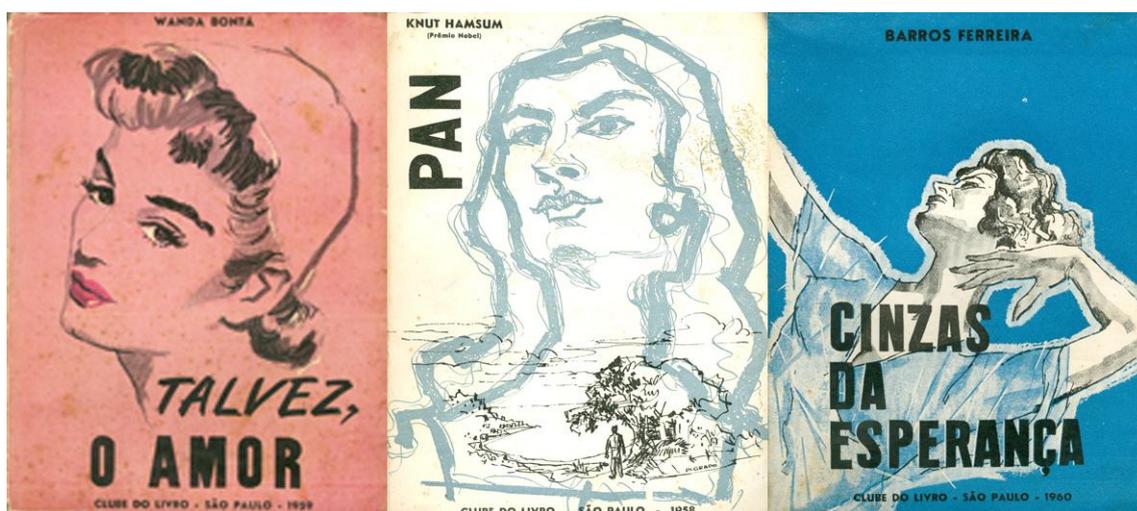


Fig.1 – Acervo muBA- Museu Belas Artes de São Paulo

Coleção Vicente Di Grado



Fig.2 – Coleção Particular

Na História da Arte, alguns artistas usaram elementos das artes gráficas em suas pinturas, como por exemplo, George Braque e Pablo Picasso, que aplicavam letras, colavam partes de jornais e papéis de parede, o que era comum no começo do século, pois havia neste período um aumento da propaganda de novas tecnologias de reprodução e de imagem. E como tal, observamos esta solução plástica nas obras relacionadas na Fig. 3 “O medalhão”, 1965, “Triste fim de Policarpo Quaresma” 1967”, “Doutor Mateus” 1967. O artista, aqui, propõe levar o mundo da arte à cultura de massa, um produto mercadológico de certa maneira, como um simulacro das artes. Há aqui, um caráter didático; Di Grado leva ao cotidiano popular a inserção estética da obra de arte cubista, a beleza estética deve estar presente no cotidiano do grande público leitor.

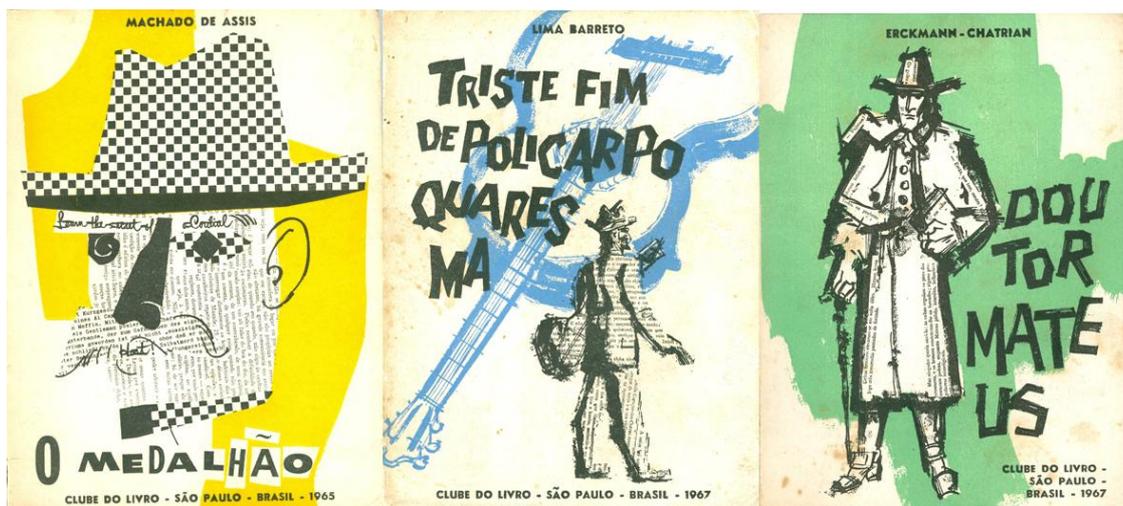


Fig.3 – Acervo muBA- Museu Belas Artes de São Paulo

Coleção Vicente Di Grado

Outro grupo de capas que pode ser analisado ó das capas produzidas nos anos 70 (fig. 4), nos quais observamos total interferência movimento Pop Arte. Cujas cores são escolhidas para representar os intensos efeitos visuais, as tonalidades são vibrantes criando deliberadamente efeitos ópticos dissonantes.

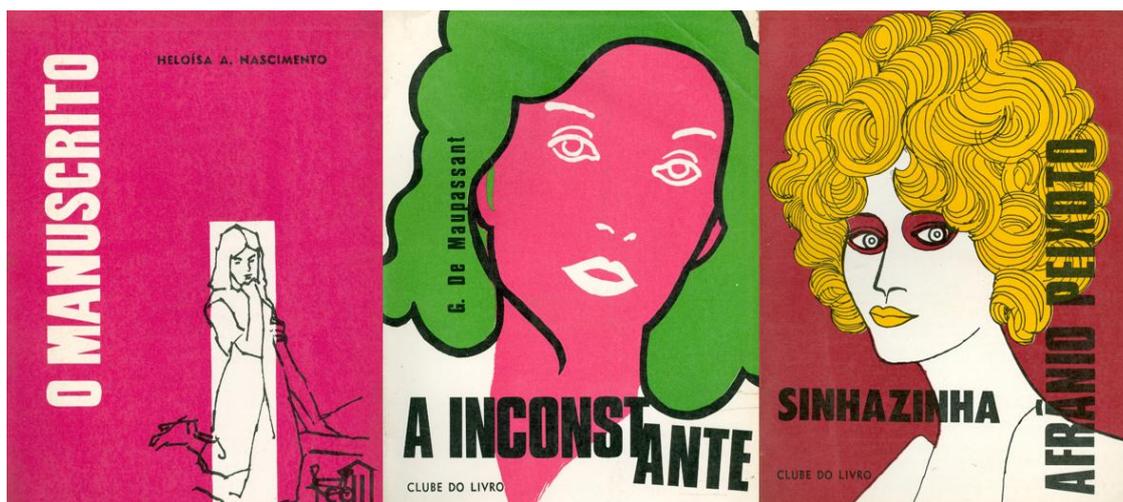


Fig.4 – Acervo muBA- Museu Belas Artes de São Paulo

Coleção Vicente Di Grado

## Considerações Finais

Levando-se em conta que o prof. Di Grado era um dos intérpretes da *Gestalt* na educação, é necessário que se faça uma análise mais minuciosa de cada capa, abordando técnica por técnica utilizada pelo artista, bem como todas as composições executadas.

Propomos aqui a partir destas análises, a hipótese de que, enquanto muitos discutiam as artes, assim chamada de moderna num âmbito museal e acadêmico, Di Grado executava a condição moderna nas capas de livros, levando assim a estética da modernidade à residência de inúmeros leitores.

## REFERÊNCIAS

- Arnheim, Rudolf. *Arte e Percepção Visual*. Tradução Ivonne Terezinha de Faria. São Paulo. Livraria Pioneira, 1988.
- Fontoura, Antônio M. *Vade-mécum de tipografia*. Curitiba, Champagnat, 2004.
- Gruszynski, Ana Claudia. *A imagem da palavra: retórica tipográfica na pós-modernidade*. Teresópolis, Rio de Janeiro, Novas Idéias, 2007.
- Hollis, Richard. *Design Gráfico: uma história concisa*. Tradução Carlos Daudt. São Paulo, Martins Fontes, 2000.
- Kopp, Rudinei. *Design Gráfico Cambiante*. Santa Cruz do Sul. Edunisc, 2002.
- Melo, Chico Homem de. *O design gráfico brasileiro: anos 60*. Chico Homem de Mello (org). São Paulo, Cosac Naify, 2006.
- Milton, John. *O Clube do Livro e a tradução*. Bauru, São Paulo, Edusc, 2002.
- Raimes, Jonathan. *Design Retrô: 100 anos de design gráfico*. Tradução Claudio Carina . São Paulo, Editora Senac, 2007.